

Retificação:
ANTROPOLOGIA
GT 1 POVOS TRADICIONAIS

**ENTRE A FLORESTA E O DOMÉSTICO: OS CÃES E OS ÍNDIOS
DA AMAZÔNIA²⁶⁴**

Paulo Bull (UFRJ/PPGAS-IFCS)

paulobull.ufrj@hotmail.com

CNPq

Em *Do clima e terra do Brasil*, primeiro dos três tratados de Fernão Cardim sobre sua expedição ao país, os cães são vistos pelo missionário como um dos únicos animais estimados tanto pelos europeus quanto pelos indígenas:

Os cães têm multiplicado muito nesta terra, e ha-os de muitas castas; são cá estimados assi entre os Portuguezes que os trouxerão, como entre os Indios que os estimarão mais que quantas cousas têm pelos *ajudarem na caça*, e serem *animais domesticos*, e assi os trazem as mulheres às costas de huma parte para outra, e os crião como filhos, e lhes dão de mamar ao peito (Fernão Cardim, 1625 [1980:58], grifos meus).

Tendo em vista trabalhos que tratam da complexidade cosmológica ou simbólica, estrutural ou fenomenológica, de alguns animais de criação específicos (como o gado ou a galinha, por exemplo²⁶⁵) introduzidos pela Conquista, procuro neste ensaio versar sobre uma figura ambígua e ambivalente na Amazônia, e pouco explorada, que é a do cachorro.

O cão, envolvido na caça como auxiliar, e no ambiente doméstico como animal familiarizado ou domesticado, talvez seja um exemplo interessante para se pensar o estatuto ambíguo de alguns animais amazônicos, isto é, as relações ora cuidadosas, ora agressivas e violentas, dos indígenas da Amazônia com os animais. Dando prosseguimento às propostas recentes de Vander Velden, que focalizam as relações não

²⁶⁴ Este trabalho só pode ser realizado mediante a orientação dos professores Carlos Fausto e Luiz Costa. Agradeço aos mesmos, bem como aos colegas do LARMe (Laboratório de (Antropologia da) Arte, Ritual e Memória) que fizeram sugestões e comentários sobre este trabalho. Agradeço também aos pesquisadores que responderam ao questionário sobre o tema aqui tratado. Utilizo a abreviação "c.p." (comunicação pessoal) para me referir aos dados levantados a partir deste questionário.

²⁶⁵ Sobre gados e galinhas, respectivamente, ver Vander Velden, 2011 e 2012.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

entre humanos e animais enquanto categorias gerais, mas sim relações entre humanos e certos animais específicos, tenho como objetivo aqui: apresentar alguns aspectos da relação entre indígenas da Amazônia com seus cães; discutir sobre os motivos e o significado da associação entre cães e onças; discutir os dados analisados à luz da predação familiarizante (Fausto, 2001); e, por fim, apontar uma possível discussão com o perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996; 2004).

Os cães e a caça

Desde meados da década de 80, etnólogos americanistas concebem a predação na Amazônia como modo primário de interação com o exterior, esfera na qual o grupo local se constitui mediante a apropriação externa de recursos simbólicos firmados na alteridade. Envolvendo um jogo de perspectivas entre a presa e o predador, a prática da caça resulta na apropriação de identidades alheias, e assim a pessoa se constitui a partir de sua relação com o Outro - afins, parceiros, inimigos, entre outros sujeitos que propiciam o "devir Outro" constitutivo daquilo que Viveiros de Castro chamou de "economia simbólica da predação", ou "economia simbólica da alteridade".

Em contrapartida aos trabalhos de âmbito estruturalista, alguns etnólogos transcendem a dimensão estrutural da caça e, a partir de uma visão menos heurística ou até mesmo mais fenomenológica, tentam compreender a caça - ou a familiarização de animais - considerando "a prática em si mesma" e menos suas implicações estruturais. Mesmo dedicando inúmeros trabalhos ao tema da caça, a complexidade empírica da relação entre humanos e animais foi particularmente obscurecida por modelos explicativos de caráter estruturalistas.

Os cachorros proliferaram intensivamente entre as Américas após a Conquista, e as evidências de seu uso como auxiliar na prática da caça, como mostra Schwartz, é recorrente historicamente (1997). Tanto companheiros de caça quanto "curiosos" animais de criação, os cães (*jawara*) entre os Awá-Guajá, povo Tupi-guarani localizado no Pará, são parte vital na cinegética nativa e muito bem sucedidos na prática da predação segundo Uirá Garcia (2010: 292). Os principais atributos deste animal são a especialidade no rastreamento de diversos animais e a capacidade de caçar sozinho

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

animais como cotias, pacas, tatus e outras presas de pequeno porte²⁶⁶. Por conseguinte, como mostram não só Garcia (idem), mas também diversos autores, quanto mais bem sucedidos forem os cães na prática da caça mais são valorizados (Catherine Howard, 2002:240-9; Gordon, c.p.; Xavier, c.p.),

A inserção dos cães na caça exige cuidado e treinamento. Segundo Garcia (2010:291-2), parte do processo de cuidado e treinamento dos cães consiste em fazê-los ingerir algumas substâncias que os induzem a aguçarem seu faro. Dessa forma, os cães aprimoram suas capacidades cinegéticas, já que sua principal forma de detectar uma presa é pelo cheiro. Por exemplo, sempre que os Guajá matam um animal de grande porte (como antas e porcos), "esfregam o focinho do cachorro na presa morta, gritando com ele para que 'aprenda' (*imarakwá* – 'lembrar') o cheiro da mesma e passe a caçar melhor" (Idem).

A prática da (não) alimentação dos cães também está atrelada ao treinamento deste animal para a caça. Entre os Koripako, localizados no Alto Rio Negro, bem como entre os Trio, localizados no sul do Suriname, deixar o cão com fome antes da caça é uma técnica usada para torná-lo bom caçador (Xavier, c.p.; Brigman, c.p.).

Entre os Achuar, como mostra Descola (2006), os índios concedem aos cachorros alucinógenos para que tenham um olfato mais aguçado e, entre os Kanamari, povo de língua katukina da Amazônia ocidental, os cachorros recebem o *wakoro*²⁶⁷, substância extraída da barriga do sapo e ingerida para curar o azar (*panema*) na caça, mas cujos efeitos de tal ingestão são a náusea e o vômito (Costa, c.p.).

Na região das guianas, os cães entre os Waiwai, sob os cuidados da mãe, são levados ao rio para banharem-se mais de uma vez ao dia, têm seus piolhos e larvas extraídos, e são revestidos de urucum vermelho para "parecerem bonitos". Por meio destas atividades características do processo geral de "treinamento" dos animais, emerge o desenvolvimento (*growth*) do corpo do animal doméstico segundo Catherine Howard (2002:243). Já entre os Trio, o treinamento dos cães abarca o ensinamento de habilidades para nadar²⁶⁸ e também a manipulação física de seus corpos - como cortar

²⁶⁶ Como apresenta Koster (x: 583), os quatis são as presas preferidas dos cachorros, ao contrário, por exemplo, da capivara.

²⁶⁷ Mais conhecido como *kampo*, termo de origem pano (Costa, c.p.)

²⁶⁸ Este tipo de treinamento também é realizado pelos Koripako (Xavier, c.p.).

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

seus cabelos, torcer suas caudas e picar seus narizes para que os cães adquiram resistência e bom faro (Brigtman, c.p.).

Na maioria dos grupos indígenas sobre os quais adquiri dados etnográficos, os cães de caça são propriedade dos homens e recebem tratamento especial em relação aos demais cães não considerados caçadores. Entre os Koripako, os cães são em geral maltratados, mas os caçadores são exceções: o fato de participar da caça implica o cuidado do cão por parte de seu dono mesmo sejam de certa forma maltratados no processo de treinamento.

Em relação à alimentação, o cachorro bem sucedido na predação pode alimentar-se da caça justamente por ter ajudado a gerá-la (Xavier, c.p.). Entre os Hixkaryana, povo localizado na região das guianas, os cães não caçadores são alimentados apenas de restos de comida, "geralmente partes imprestáveis", ao passo que os cães caçadores recebem parte daquilo que renderam na atividade cinegética (Lucas, c.p.).

Ainda entre os Hixkaryana, uma vez grandes (e, com isso, caçadores - bons ou não), os cachorros pertencem aos homens (idem). Designando uma partícula de "posse alienável", entre os Kanamari os cães de caça são propriedade do homem enquanto os filhotes são basicamente ignorados e deixados aos cuidados da mulher (Costa, c.p.). Os cachorros mais novos, mesmo sendo mais bem tratados - aos nossos moldes ocidentais - que os adultos, são valorizados apenas pelas mulheres e tidos por estas como "filhos" (entre os Trio, como apresenta Brigtman, c.p.)²⁶⁹. Entre os Paumari, povo localizado no rio Purus, e também entre os Xikrin, localizados no Pará, existe uma considerável diferenciação em relação aos animais adultos e filhotes, sendo estes últimos "extremamente bem tratados" (Bonilla, c.p.) na medida em que, de acordo com a idade, "se diminui consideravelmente o cuidado" (Gordon, c.p.).

Mesmo sujeitos à violência no ambiente doméstico, os cães são companheiros na caça (e treinados para exercer tal atividade, como já mostrado) e afetivamente cuidados, especialmente por mulheres, quando filhotes. Em geral, como expõe Garcia (2010:292), são "curiosos" animais de criação. Ao mesmo tempo em que deixam os cães morrerem de fome, tratando-os de maneira "pouco amistosa", os indígenas Chané, residentes na

²⁶⁹ Vale ressaltar que o autor diferencia os cães dos filhos efetivos: mesmo ambos sendo considerados membros da família, o "tipo de amor" é diferente na medida em que apenas os cães podem ser negociados ou trocados, algo que não ocorre com os filhos.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Bolívia, sentir-se-iam enormemente ofendidos se alguém pretendesse matar alguns de seus cachorros (Villar, 2005: 500). Entre os Paumari, povo de língua aruá do médio Purus, os cães são "enxotados" constantemente e, em geral, mal tratados do nosso ponto de vista. Porém, o falecimento ou adoecimento de algum cachorro é motivo de "tristeza e preocupação" (Bonilla, c.p.). Em suma, como diz Costa sobre o caso Kanamari, povo de língua katukina da Amazônia ocidental, os cães são tratados com um misto de desdém e afeto (Costa, c.p.).

Entre os Karitiana, os cães, apesar de afetivos auxiliares na caça, são considerados animais sujos, traiçoeiros, e tanto podem caçar e potencializar comida quanto atentar a caça, isto é, deixar o caçador "panema" caso se alimentem de restos de animais abatidos - "fragmentos de carne, ossos, penas e resíduos de sangue" (Vander Velden, 2009:6). Segundo Vander Velden, a ambiguidade característica do modo de relação com os cães resulta do fato de que estes animais são vistos tanto como perigosos (visão decorrente de sua ferocidade) quanto como preciosos (visão decorrente de sua habilidade na caça) (2009:10). Concebido e tratado de forma ambígua, o cão é admirado e temido. E, diante de tal temor, apenas por meio do controle, cuidado e treinamento exercidos pelo seu dono que o cachorro se torna sociável.

Ambivalências

Se por um lado a eficácia predatória do cachorro é valorizada pelos indígenas da Amazônia, sendo talvez o motivo de sua familiarização, a eficácia simbólica deste ser para Diogo Villar reside justamente no seu caráter ambíguo, decorrente da associação entre cão e jaguar que ocorre consideravelmente entre os grupos indígenas da Amazônia. Como aponta o autor, os cães operam como metáforas da vida social justamente por evidenciarem o caráter paradoxal e ambíguo desta última (2005:500-4).

A analogia, aproximação ou equivalência entre cães e onças é evidenciada por diversos grupos indígenas da Amazônia. Seja morfológicamente, no sentido de compartilharem atributos de ferocidade, seja por estarem envolvidos na caça como predadores, alguns fatores atestam tal associação. A terminologia pela qual os cães são designados talvez seja o principal fator que aponta para uma 'semelhança lógica' (Vander Velden, 2012: 297) entre cães e onças. Entre os Awá-Guajá, por exemplo, "utiliza-se a tradução 'cachorro' para fazer referência aos *jawara* (onças)" e se chama,

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

muitas vezes, os cachorros de onça (Garcia, 2012:296). Já entre os Karitiana, cachorros são literalmente "onças mansas" ou "onças de criação" (Vander Velden, 2009:9).

Segundo Vander Velden, duas são as razões que podem explicar a associação entre cães e onças. Em primeiro lugar, tanto os cachorros quanto os outros carnívoros (tais como os cachorros do mato) são associados pelos Karitiana à onça pelo fato de compartilharem a ferocidade, atributo prototípico do felino (idem). Para este grupo indígena, ser potencialmente perigoso é um dos fatores que conduz a associação do cão ao maior carnívoro das Américas. Descola (1994:230) também observa que a classificação semelhante para cães (e também outras espécies de mamíferos carnívoros) e onças provém da concepção nativa de que estes seres compartilham "natural ferocidade e gosto por carne crua" (apud Vander Velden, 2009:8).

Para além da analogia em relação ao comportamento feroz, Vander Velden, a partir do trabalho de Fabíola Jara (2002) concebe a associação classificatória entre cães e onças segundo o *contexto ecológico* no qual tais espécies estão inseridas. Para o autor, a caça, a ferocidade, a agressividade e a competição ecológica são modos de relação semelhantes a cachorros e onças e, com isso, a classificação nativa para ambos é a mesma (Vander Velden, 2012: 296-303).

Para além dos "hábitos e técnicas corporais que ambos [cachorros e onças] têm em comum" (Idem), entre os Ávila-Runa, localizados no Equador, não somente os cães se associam aos jaguares. Estes últimos, de forma semelhante, adquirem atributos caninos conforme se tornam um "cão" dos seres espirituais mestres dos animais:

Despite their manifest role as predators, jaguars are also the subservient dogs of the spirit beings who are the masters of the animals in the forest. According to Ventura, "What we think of as a jaguar is actually [the spirit animal master's] dog." (Kohn, 2007a:11).

Enxergando uma continuidade entre os reinos humano e animal, os Runa acreditam que os animais mestres compartilham a hierarquia condizente ao domínio social do homem branco e não só incorporam o poder e os atributos deste último, mas são vistos, propriamente, como brancos - figura associada ao controle da tecnologia moderna e à posse de "aviões e picapes" (2007b: 111). Como demonstra Kohn, a esfera íntima da domesticidade e das relações locais, que se estende à da floresta, está

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

amplamente alinhada às esferas das relações políticas, econômicas e sociais estabelecidas regional e nacionalmente²⁷⁰. As concepções dos Ávila a respeito dos mestres animais são reflexos da ordem política e econômica nativa, ordem configurada historicamente e impactada por fatores sociais, políticos, econômicos e ambientais (2007b).

Como expõe Erikson (2012:16), a figura do dono e as noções de mestria sem dúvida são mobilizadas para caracterizar as relações dos humanos com os animais, e a 'jaguaricidade' também é um dos traços associados à figura do mestre na região amazônica (Fausto, 2008:335). Nesse sentido, interpreto a associação cão-jaguar também como decorrente da familiarização do jaguar por xamãs e guerreiros, isto é, da condição canina de animal feroz domesticado e sob o controle de um dono.

Considerações finais

Atrelada aos núcleos da floresta e do ambiente doméstico, a distinção entre *ordinary dogs* e *hunting dogs* parece ser fundamental para indicar a forma de tratamento dos indígenas amazônicos para com o cachorro, na medida em que perpassa os aspectos de gênero, idade e valor presentes na relação entre os indígenas e cães na Amazônia. A despeito das diferenças inerentes aos casos particulares, esboço a seguinte associação tendo em vista os argumentos apresentados:

ordinary dogs : filhote : mulher : afeto : inutilidade : objeto :: *hunting dogs* : adulto :
homem : desdém : destreza : sujeito

Ao apresentar recorrências e dados acerca da ambiguidade e ambivalência dos cães na Amazônia, cujo resultado foi o estabelecimento desta generalização, tenho como intuito estabelecer um diálogo com certos esquemas e modelos explicativos, como o esquema da predação familiarizante e o modelo do perspectivismo ameríndio.

A pertinência deste diálogo, no primeiro caso, reside no fato de que os cães não são (tais quais os outros animais familiarizados) tidos como xerimbabos, já que o conteúdo característico da familiarização é a apropriação de subjetividades não-humanas das quais o outro é dotado (Fausto, 2001). Seria a familiarização dos cães, nesse sentido, um processo de apropriação também de *objetividades* (na falta de uma

²⁷⁰ De modo similar, High (2012) apresenta que a forma como os indígenas da Amazônia concebem os animais é central para o entendimento das mais amplas relações sociopolíticas na região.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

expressão mais feliz) não humanas? Em outras palavras, o cão não se apropria apenas de capacidades abstratas, mas antes de suas capacidades cinegéticas concretas, algo que produz uma inflexão ao modelo da predação familiarizante.

Por outro lado, as ambivalências do cão, isto é, sua associação ao jaguar ou ao homem branco, me parecem particularmente interessantes para se pensar o perspectivismo ameríndio e, sobretudo, a distinção entre sujeito e objeto que lhe é familiar (como aponta Course, 2010). No modelo de Viveiros de Castro (1996; 2004), a luta predatória de perspectivas envolve tentativas de afirmar a própria humanidade - dada a agentividade de cada pessoa deítica - como um sujeito que percebe (predador) em vez de um objeto de percepção (presa).

A prática da caça de animais na Amazônia, evocando um amplo campo de relações sociocósmicas, não designa apenas uma relação de disputa entre humanos e não humanos, restringindo-se à oposição presa-predador. Como nota Fausto (2007), existe uma disputa entre parentes e não-parentes, sejam eles humanos e não humanos ou apenas humanos, cuja conseqüência é a apropriação da presa ou para torná-la parente (no processo de familiarização) ou para que ela seja um dispositivo (carne) de produção do parentesco (no processo de comensalidade). Os animais, portanto, podem ser vistos não apenas como comida, mas como "fontes de capacidades" imersas em um processo geral de produção de parentesco.

Dando continuidade ao procedimento de Fausto, que busca problematizar a diferenciação ontológica entre predador e presa, como sujeito e objeto, acredito que seja preciso encontrar uma chave de análise mais precisa para entender o motivo dos cães, ao mesmo tempo, serem associados aos seres prototípicos da agência na Amazônia (o jaguar) ao mesmo tempo em que são alvos de desdém. Os cães figuram ora como ajudantes na caça, ora como animais domésticos; portanto, ora como parte vital da cinegética indígena e ora como sujeitos associados negativamente na "escala dos seres" - em função de sua baixa "potência criativa" como um animal familiarizado (Fausto, 2001:537).

A instabilidade agentiva dos cães parece decorrer de uma indiscernibilidade entre sujeitos e objetos. Como propõe Casey High para o caso dos Waorani, transcender a oposição entre presa e predador e então conceber um *continuum* de agência que varia entre os seres talvez seja a forma de analisar a associação entre cães e onças, bem como

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

a distinção entre *ordinary dogs* e *hunting dogs*, sem entender as categorias de presa e predador, humano e animal, sujeito e objeto, como opostas e exclusivas.

Referências bibliográficas

CARDIM, Fernão. 1625 [1980:58]. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

COURSE, Magnus. 2010. Of Words and Fog: Linguistic Relativity and Amerindian Ontology. *Anthropological Theory*, 10(3): 247-263.

DESCOLA, Philipe. 1994. "Pourquoi les indiens d'Amazonie n'ont-ils pas domestiqué le pécarí? Généalogie des objets et anthropologie de l'objectivation". In: B.Latour & P.Lemmonier (orgs.), *De la préhistoire aux missiles balistiques: l'intelligence sociale des techniques*. Paris: la Découverte, pp. 329-344.

_____. 1998. "Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 4(1): 23-45

_____. 2002. "Genealogia dos objetos e antropologia da objetivação". *Horizontes Antropológicos*, 8(18): 93-112.

_____. 2006. *As Lanças do Crepúsculo: Relações jívaro na Alta Amazônia*. São Paulo: CosacNaify.

FAUSTO, Carlos. 2001. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP.

_____. 2007. "Feasting on people: cannibalism and commensality in Amazonia". *Current Anthropology*, 48(4): 497-530.

_____. 2008. "Donos demais: maestria e domínio na Amazônia". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 14(2): 329-366.

GARCIA, Uirá. 2010. *Karawá, a caça e o mundo dos brancos*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

HIGH, Casey. 2012 "Shamans, Animals and Enemies: Human and Non-human Agency in an Amazonian Cosmos of Alterity." In *Animism In Rainforest And Tundra*:

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Personhood, Animals, Plants and Things in Contemporary Amazonia and Siberia. Oxford: Berghahn Books. pp. 130-145

HOWARD, Catherine. 2001. *Wrought Identities: The Waiwai Expeditions in Search of the 'Unseen Tribes' of Northern Amazonia*. Ph.D. Dissertation, University of Chicago.

INGOLD, Tim (ed). 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill*. New York: Routledge.

JARA, Fabiola. 2002. "The meaning of nominal animal categories among the Caribs of the Guianas". *Anthropos*, 97 (1): 117-126.

KOHN, Eduardo. 2007a. "How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies". *American Ethnologist*, vol. 34 (1): 3-24.

_____. 2007b. "Animal masters and the ecological embedding of history among the Ávila Runa of Ecuador". In: C.Fausto & M.Heckenberger (eds.), *Time and memory in indigenous Amazonia: anthropological perspectives*. Gainesville: University Press of Florida, pp. 106-129.

KOSTER, J. M. 2009. Hunting dogs in the lowland Neotropics. *Journal of Anthropological Research*, vol.65, pp. 575-610.

SERPELL, James. 1996. *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. 2009. "Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana". *Revista de Antropología*. 25(1): 124-144.

_____. 2011. Inveja do gado: o fazendeiro como figura de poder e desejo entre os Karitiana. *Anuário Antropológico*, 2010(1): 55-76.

_____. 2012. As galinhas incontáveis: Tupis, europeus e aves domésticas na conquista do Brasil. *Journal de la Société des Américanistes*. 98(1): 97-140.

_____. 2012. *Inquietas Companhias: sobre os animais de companhia entre os Karitiana*. Ed. Alameda, São Paulo.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

VILLAR, Diego. 2005. "Índios, blancos y perros". *Anthropos*, 100 (2): 495-506.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. "Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio". *Mana: Estudos de Antropologia Social* 2(2): 115-144.

_____. 2004. "Exchanging perspectives: the transformation of objects into subjects in Amerindian ontologies". *Common knowledge* 10(3): 463-484